

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Curso de Letras  
Bacharelado com ênfase em Estudos da Tradução

ENTRE O DISCURSO DA PRÁTICA E A PRÁTICA DO DISCURSO:  
análise das discussões do *Grupo Pacto* acerca da tradução de *Harry Potter and  
the Half-Blood Prince*

BEATRIZ PORTELLA SMAAL

CURITIBA  
2008

BEATRIZ PORTELLA SMAAL

ENTRE O DISCURSO DA PRÁTICA E A PRÁTICA DO DISCURSO:  
análise das discussões do *Grupo Pacto* acerca da tradução de *Harry Potter and  
the Half-Blood Prince*

Monografia apresentada à disciplina de Orientação Monográfica II do Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras com ênfase em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Mendonça Cardozo.

CURITIBA  
2008

## Agradeço

Ao Prof. Dr. Mauricio Mendonça Cardozo pela paciência, confiança e apoio constantes.

À Prof.<sup>a</sup> Sandra M. Stroparo, pelas inestimáveis discussões literárias, fazendo a diferença na minha formação acadêmica.

Aos amigos Rafael, Fernanda, Simone, Mariana e Leandro pelo sofrimento conjunto – e descontração na medida exata.

Aos participantes dos Grupos de Tradução, pelas discussões acaloradas e pertinentes de idéias.

Ao amigo Alexandre Aschenbach, pelo incentivo técnico e psicológico no momento mais crítico.

A toda a minha família, pela segurança e torcida.

Ao Marcus Alexandre, em especial, que me incentiva a ser uma pessoa melhor a cada dia.

E, principalmente, ao *Grupo Pacto*, pois o trabalho deles fez com que este se realizasse.

It is our choices [...] that show what we truly  
are, far more than our abilities.

*Albus Dumbledore [Harry Potter  
and the Chamber of Secrets]*

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as relações entre o *discurso da prática* e a *prática do discurso* no âmbito das discussões do *Grupo Pacto*, grupo virtual de tradutores da obra *Harry Potter and the Half-Blood Prince*, de Joanne Kathleen Rowling. Apresentaremos, inicialmente, nossa compreensão das noções básicas de pressuposto, concepção, discurso e prática. Em seguida, tendo como *corpus* o conjunto de mensagens eletrônicas trocadas entre os integrantes do *Grupo* ao longo do processo de tradução da referida obra, elencaremos os tópicos centrais de tradução discutidos pelo *Grupo*. Por fim, analisaremos os *pressupostos* e as *concepções* que subjazem a essa discussão, bem como a relação entre o *discurso sobre a tradução* e sua *prática*, em especial no que diz respeito à questão da *fidelidade*.

Palavras-chave: tradução, tradução virtual, fidelidade, Harry Potter

## ABSTRACT

This monograph proposes a reflection on the relations between the *discourse of practice and practice of discourse* inserted on the discussion about the work made by Grupo Pacto, a virtual translation group of the book *Harry Potter and the Half-Blood Prince*, written by Joanne Kathleen Rowling. At the first moment we will present, our comprehension on the basic notions of *prior conjunction, assumption, discourse and practice*. After that, having as *corpus* of study the ensemble of electronic messages exchanged between the participants of this group through the process of translation of the book quoted before, we will list the main translation subjects discussed by the group. As conclusion, we will analyse the *prior conjunction* and the *assumptions* that are the basis of this discussion, as well as the relation between the *discourse about translation* and their *practice*, specially related to the discussion of *fidelity*.

Key-words: translation, virtual translation, fidelity, Harry Potter.

## LISTA DE INFORMANTES

Informante	Função
01	Tradutor do capítulo 1
02	Tradutor do capítulo 2
03	Tradutor do capítulo 3
04	Tradutor do capítulo 4
05	Tradutor do capítulo 5
06	Tradutor do capítulo 6 e revisor ortográfico
07	Tradutor dos capítulos 7 e 26
08	Tradutor do capítulo 8
09	Tradutor do capítulo 9
10	Tradutor do capítulo 10 e revisor ortográfico
11	Tradutor do capítulo 11
12	Tradutor do capítulo 12
13	Tradutor dos capítulos 13, 15, revisor formatação e moderador do <i>Grupo</i>
14	Tradutor do capítulo 14
16	Tradutor do capítulo 16
17	Tradutor do capítulo 17
18	Tradutor do capítulo 18
19	Tradutor do capítulo 19
20	Tradutor do capítulo 20
21	Tradutor do capítulo 21
22	Tradutor do capítulo 22
23	Tradutor do capítulo 23
24	Tradutor do capítulo 24
25	Tradutor do capítulo 25
27	Tradutor do capítulo 27
28	Tradutor do capítulo 28
29	Tradutor do capítulo 29
30	Tradutor do capítulo 30
31	Não traduziu nenhum capítulo, mas participa da revisão e leitura-teste

32	Não traduziu nenhum capítulo, mas participa das discussões
33	Não traduziu nenhum capítulo, mas aparece como integrante do grupo
34	Não traduziu nenhum capítulo, mas aparece como integrante do grupo
35	Não traduziu nenhum capítulo, mas aparece como integrante do grupo
36	Não traduziu nenhum capítulo, mas aparece como integrante do grupo
37	Não traduziu nenhum capítulo, mas aparece como integrante do grupo

## SUMÁRIO

<b>LUMOS</b> .....	7
<b>1. QUESTÕES DE FUNDO TEÓRICO</b> .....	11
1.1. PRÁTICA DA TRADUÇÃO <i>VERSUS</i> DISCURSO SOBRE A TRADUÇÃO ..	11
1.2. PRESSUPOSTOS <i>VERSUS</i> CONCEPÇÃO .....	12
1.3. CONCEPÇÃO DE TRADUÇÃO <i>VERSUS</i> PRÁTICA <i>VERSUS</i> DISCURSO.	13
1.4. CONCEPÇÃO DE TRADUÇÃO <i>VERSUS</i> TEORIA .....	14
<b>2. GRUPO PACTO</b> .....	16
2.1. DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	16
2.2. A DISCUSSÃO .....	27
2.3. PRESSUPOSTOS, CONCEPÇÃO E QUESTÕES.....	32
<b>3. A QUESTÃO DA FIDELIDADE</b> .....	35
3.1. FIDELIDADE À OBRA ORIGINAL.....	35
3.2. FIDELIDADE À CULTURA DE PARTIDA E AO UNIVERSO POTTERIANO	36
3.3. FIDELIDADE A UM COMPROMISSO DE QUALIDADE .....	37
<b>NOX</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS A WEBSITES RELEVANTES</b> .....	43
<b>ANEXO</b> .....	45



## **LUMOS<sup>1</sup>**

O contexto de sucesso no mundo moderno em que se encontram os livros da série *Harry Potter* é relevante devido ao seu impacto social, uma vez que milhares de exemplares foram vendidos no mundo todo, e traduções foram elaboradas para diversas línguas, entre elas o grego antigo e o latim. Tendo em vista esse contexto, percebemos que a obra sobre o personagem Harry Potter, classificada como literatura de massa, deve ser observada como uma obra relevante em seu contexto (seu lugar na literatura), uma vez que o *gosto* pela leitura dessa coleção se tornou um fenômeno comum entre pessoas de diferentes faixas etárias e formações.

Estamos, nesse caso, falando de uma obra extensa, que conta com 7 livros sobre a história do personagem Harry Potter. Essa extensão da obra, e seu lançamento em 7 livros, faz com que a mesma além de influente seja também duradoura, uma vez que o lançamento de toda a coleção, na Inglaterra, ocorreu em um período de 10 anos (1997 a 2007).

Nesse contexto geral, percebemos que a tradução, e aquilo que se entende por tradução no senso comum, ficaram em evidência. A tradutora brasileira oficial da série desde o primeiro até o sétimo e último livro, Lia Wyler<sup>2</sup>, adquiriu com isso notoriedade como uma voz que fala sobre a sua tradução, sendo inclusive criticada por sua prática pelos *fãs* brasileiros da obra. As críticas ao seu trabalho foram discutidas exaustivamente por leitores da série, demonstrando que, agora, o que era um trabalho *invisível* ficava em evidência, pelo menos aqueles que discutiam o assunto nos mais diversos canais da internet, principalmente aqueles que contam com o recurso de *grupos de discussão*<sup>3</sup>. Essas críticas, o desejo por rapidez advindo da facilidade ao acesso de informação inerente à tecnologia moderna, e a *demora*, segundo os leitores, da editora brasileira em lançar a tradução para o português, fez

---

<sup>1</sup> Neste trabalho o termo *Introdução* foi substituído, por uma questão simbólica, pelo termo *Lumos*, uma magia do mundo *Harry Potter*, na qual o bruxo acende a ponta da sua varinha como uma lanterna. Sendo assim, a magia antagônica de *Lumos*, nesse caso o termo *Nox*, será utilizado também em substituição ao termo *Conclusão*.

<sup>2</sup> Lia Wyler é formada em letras com especialização em tradução pela PUC-RJ (1984) e mestrado em comunicação (ECO-UFRJ). Tradutora de Joyce Carol Oates, Henry Miller, Gore Vidal, John Updike, Stephen King, entre outros. Professora na PUC-RJ, no curso Brasillis. Foi presidente do Sintra (1991-1993); de júris do prêmio Jabuti e do prêmio de tradução da Biblioteca Nacional. Várias publicações. Hoje é conhecida como a tradutora de Harry Potter (...) cf. (BENETTI, UBIRAJARA, 2003, p. 191)

<sup>3</sup> Grupos do Yahoo! Groups, comunidades no Orkut, sites sobre o universo da série Harry Potter, entre outros (ver referência no final do trabalho).

com que grupos traduzissem e exibissem suas traduções de alguns livros da série antes mesmo da publicação da tradução oficial de Lia Wyler.

Toda essa mobilização não parte apenas do *Grupo Pacto*, foco da nossa análise. Além da tradução do *Pacto*, a título de exemplo, podemos citar também o grupo *Travessa do Tranco*, responsável também por uma tradução do sexto livro.

O presente trabalho irá analisar minimamente as discussões elaboradas ao longo do processo de construção de uma dessas traduções “não oficiais”. No caso, a tradução do sexto livro da série, de 2005<sup>4</sup>, realizada pelo *Grupo Pacto*, intitulado *Harry Potter and the Half-Blood Prince*, de Joanne Kathleen Rowling (doravante JKR)<sup>5</sup>. O *Grupo Pacto*, formado por 35 participantes, durante todo o processo trabalha a discussão e montagem dessa tradução de forma totalmente eletrônica, utilizando para isso a troca de mensagens via e-mails entre os integrantes, através do site *Yahoo! Groups*. Esse site facilitou a troca de mensagens entre todos os integrantes durante o processo de tradução devido ao seu caráter *sistemático*, uma vez que qualquer mensagem enviada ao endereço eletrônico do site foi lida por todos os seus participantes.

Vale observar que a dimensão social alcançada pelos livros da série alimenta a indústria livreira, uma vez que as mais diferentes discussões sobre os livros trazem um marketing diferente, no sentido de um novo viés, para a editora Rocco, detentora dos direitos autorais da obra. Quaisquer dessas traduções que circulam pela internet não têm como objetivo a venda, eliminando possíveis prejuízos para a editora, mas aqueles que lêem o livro na internet normalmente compram também a tradução oficial, para cotejo ou mesmo para suas coleções.

O *Grupo Pacto* trabalha, conforme explicitamos anteriormente, com a troca de mensagens durante todo o processo de tradução do livro de número 6, e são essas mensagens que compõem o *corpus* analisado neste trabalho (juntamente com as enquetes e com a tradução final do *Grupo*). Os diferentes tópicos discutidos pelo *Grupo*, durante todo o processo de tradução, possibilitaram diferentes leituras acerca do *fazer tradutório*, uma vez que o *Grupo* está *fazendo* uma tradução e *falando* sobre ela.

---

<sup>4</sup> O grupo também traduziu os livros 5 e 7 da série, porém essas traduções não serão discutidas aqui pontualmente, uma vez que o recorte escolhido para o desenvolvimento deste trabalho trata primordialmente do sexto livro da série.

<sup>5</sup> Escritora britânica, autora dos livros da série Harry Potter.

A partir do *corpus*, i.e., dos tópicos e assuntos debatidos pelo *Grupo* durante toda a tradução, tentaremos depreender o que chamaremos de uma *concepção de tradução* baseada nos pressupostos dos integrantes do *Grupo*, apontados através de suas participações no decorrer da troca de e-mails. A *concepção de tradução* desenvolvida pelo *Grupo* já aparece no início do processo, através de seu prefácio à tradução, que iremos analisar mais detidamente no capítulo 2 deste trabalho. Através de uma análise do *corpus*, poderemos apontar algumas noções que suscitam a discussão sobre a questão que mais permeia a prática e o discurso desse *Grupo*: a *fidelidade*. Analisaremos como o discurso sobre a questão da fidelidade se constrói durante toda a jornada de tradução exercida pelo *Grupo*, e faremos alguns apontamentos sobre o *discurso da prática* e a *prática do discurso* percebido através da leitura das mensagens.

Para isso, no primeiro capítulo, pontuaremos algumas noções teóricas de conceitos que utilizaremos durante o percurso deste trabalho, tendo em vista a compreensão e a discussão das mais diversas opções de tradução. No capítulo 2 apresentaremos de forma pontual tanto o *Grupo* como os tópicos abordados por seus integrantes, para então iniciarmos nossa discussão sobre a natureza dessa prática tradutória. Para tanto procuraremos observar a concepção de tradução apreendida das discussões realizadas por esse *Grupo*. Usaremos citações do próprio *Grupo* que irão sustentar nossa visão daquilo que entendemos por um *projeto de tradução*. Através dessas discussões gerais abordaremos, no capítulo 3, uma questão relevante para o *Grupo*, no caso a questão da *fidelidade*. Destacaremos a noção que o *Grupo* mantém frente a essa questão e relativizaremos, através da análise prévia do *corpus*, as relações entre o *discurso da prática* e a *prática do discurso*. É necessário sinalizar desde já que, uma vez que discutiremos as questões suscitadas pelo *corpus* a partir desse cruzamento entre *discurso* e *prática*, no âmbito do próprio *corpus*, este trabalho não será baseado em nenhum outro aparato teórico mais específico.

Gostaríamos também de observar que a nossa reflexão não pretende exaurir as discussões provenientes do *corpus*, devido não só à extensão desse *corpus*, mas também por termos consciência de que este trabalho é apenas um passo inicial na análise e crítica a esse material. Sendo assim, não iremos contemplar questões que seriam relevantes em um trabalho posterior, como por exemplo, as concepções individuais de tradução de cada integrante, uma vez que os participantes advêm das

mais diversas formações, e contam com pressupostos diferentes. Reconhecemos aqui algumas dessas diferenças (e as apontaremos no decorrer do trabalho), porém não analisaremos as nuances da concepção de tradução de cada participante individualmente, mas sim como um *Grupo*, como se apresentam na sua tradução, ou seja, *O Pacto*.

Outra ressalva a ser feita diz respeito às citações do *Grupo* utilizadas neste trabalho. Devido ao contexto no qual os participantes do *Grupo Pacto* estão inseridos, i.e., a troca informal de mensagens, as citações conterão incoerências gramaticais, algumas abreviações, entre outros. Reconhecemos aqui esses *problemas*, mas não os apontaremos a cada momento (com a marca *(sic)* normalmente utilizada em trabalhos acadêmicos). As citações fazem parte de um contexto e acreditamos que devem ser lidas assim<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> O contexto de troca de mensagens, i.e., o *corpus* se encontra disponível na sua totalidade neste trabalho em CD anexo.

## 1. QUESTÕES DE FUNDO TEÓRICO

### 1.1 PRÁTICA DA TRADUÇÃO VERSUS DISCURSO<sup>7</sup> SOBRE A TRADUÇÃO

Nos estudos da tradução, prática e discurso podem possuir vieses divergentes, apesar de intimamente relacionados. Os estudiosos da tradução trabalham com um discurso sobre a tradução – o *pensar* tradutório – baseado na teoria, para que depois a tradução seja (ou não) colocada em prática. A prática normalmente está de alguma forma atrelada ao discurso, porém não é necessariamente regada por ele, uma vez que a prática caminha por espaços diferentes daqueles pelos quais caminha o discurso. A consistência entre prática e discurso não é perfeita, ou seja, por mais que o tradutor se baseie ou discorra sobre alguma teoria da tradução, ou uma filosofia do traduzir, seu discurso não será necessariamente idêntico à sua prática, pois estamos, então, falando de exercícios diferentes. Parece claro, porém, imaginar que a partir de um ponto de vista do fazer tradutório, é recomendável que haja uma relação entre prática e discurso, uma vez que o leitor *espera* algo do texto que vai ler. O leitor da tradução normalmente compra uma tradução *ao invés* do *original*, i.e., uma tradução que seja um texto de um autor estrangeiro, porém na sua língua. Mesmo que essa noção possa ser utopicamente aquilo que o tradutor espera da sua própria tradução, i.e., que esse seja o seu projeto de tradução<sup>8</sup>, qual tradutor consegue seguir exatamente aquilo a que se propõe?

Como fica, nesse sentido, a relação entre prática e o discurso? Pensando no que foi dito anteriormente, ou seja, tendo em vista a *prática* e o *discurso*, percebemos que ambos não parecem pertencer ao mesmo exercício, e nem deveriam. Porém, os dois exercícios podem e devem conviver, afinal, apesar de não serem idênticos, eles estão inseridos naquilo que o senso comum entende por tradução.

---

<sup>7</sup> Neste trabalho, faremos um uso bem genérico do termo discurso, como a fala/escrita baseada nos pressupostos de cada indivíduo, i.e., sua exposição sobre determinado assunto.

<sup>8</sup> Neste trabalho, usaremos o termo projeto de tradução enquanto a intenção do tradutor perante um encargo tradutório, i.e., uma proposta (apresentada ou implícita) de tradução.

## 1.2 PRESSUPOSTOS *VERSUS* CONCEPÇÃO

Para que nossa discussão esteja clara é necessário fazer uma distinção entre *pressuposto* e *concepção*. Os pressupostos estão ligados àquilo que o senso comum entende sobre tradução, i.e., aquilo que o indivíduo conhece como referencial para a tradução. A concepção de tradução está ligada àquilo que é depreendido do pressuposto, ou seja, é a expectativa que o indivíduo tem de uma tradução. A partir dos seus pressupostos, o leitor da tradução *monta*, como em um mosaico, sua concepção sobre um determinado assunto, objeto, etc.

Em um fazer tradutório baseado no senso comum, qualquer um que tenha conhecimento de duas línguas diferentes pode traduzir. Sendo assim, os tradutores que trabalham segundo esse ponto de vista partem direto para a prática, sem pensar em uma formação<sup>9</sup> (algo que não acontece em uma área como a medicina, por exemplo – aqui o indivíduo, mesmo que tenha um conhecimento extenso de anatomia, não irá fazer uma cirurgia em outra pessoa, por exemplo, a não ser que estude medicina academicamente). Para o senso comum, quem conta com uma formação e quem não conta com uma formação, nos estudos da tradução, está no mesmo patamar de competência, por assim dizer.

Isso acontece porque, a nosso ver, a tradução lida com a linguagem<sup>10</sup>, e a linguagem é algo socialmente dominado por todos os integrantes de uma comunidade. Quem fala o idioma português tem domínio sobre a língua portuguesa, mesmo que não seja alfabetizado<sup>11</sup>, conseguindo transmitir uma mensagem ao seu ouvinte. Da mesma forma, quem tem um domínio básico de duas línguas acredita que pode traduzir, e entendemos que, na realidade, pode. Não é todo teórico da tradução que se apresenta como um excelente tradutor nem todo leigo<sup>12</sup> que traduz de forma inaceitável.

---

<sup>9</sup> A idéia de formação aqui refere-se ao que chamamos de educação formal, neste caso a formação superior, i.e., especialização em uma área do conhecimento.

<sup>10</sup> Definição conforme o senso comum, ou seja, a comunicação entre os homens através da língua (fala e escrita)

<sup>11</sup> Usamos aqui a noção de letrado nos referindo àquele indivíduo que conta com uma formação básica - alfabetização.

<sup>12</sup> Chamamos aqui de *leigo* quem não tem conhecimento teórico-acadêmico sobre tradução, sem pensar, neste caso, em termos qualitativos.

O debate referente à formação teórica pode ser relativizado, porém não deve ser o único, i.e., o debate sobre a “não-teoria” também tem que existir, uma vez que a prática tradutória baseada naquilo que conhecemos como senso comum também acontece. Tanto aquele que tem conhecimento teórico quanto o leigo podem traduzir. Isso se dá porque toda prática tradutória e todo o discurso sobre tradução se fundam em uma concepção de tradução. Mesmo que o leigo não tenha uma teoria pré-estabelecida para ser seguida à risca, ele conta com pressupostos e, com isso, com uma concepção daquilo que entende por tradução, o que ditará sua prática.

Tanto o tradutor leigo quanto o tradutor com formação específica têm pressupostos tradutórios, e com isso concepções de tradução, porém o tradutor leigo pode não ter plena consciência desses pressupostos, enquanto o acadêmico tem essa consciência, pois apresenta uma reflexão sobre esse objeto em termos mais abstratos, discutindo conceitos, idéias, etc. Mesmo assim, a concepção teórica do acadêmico pode não ser a mesma que ele defende subjetivamente na sua prática, como veremos a seguir.

### 1.3 CONCEPÇÃO DE TRADUÇÃO VERSUS PRÁTICA VERSUS DISCURSO

A *concepção de tradução* surge a partir dos conjuntos de pressupostos, uma vez que esses pressupostos formam aquilo que se mostra como uma concepção sobre a tradução. Esses pressupostos podem e serão flagrados tanto no discurso como na prática que o tradutor opera, ou seja, tanto na sua fala sobre aquilo que diz ser uma *boa* ou *má* tradução<sup>13</sup>, como quando se propõe a fazer uma tradução que para ele, e perante aquele que a recebe, será considerada *boa* ou *ruim*. O indivíduo que traduz traz consigo pressupostos que podem determinar um juízo de valor. Trabalha com questões postas em debate nos estudos da tradução como a fidelidade, a ética, visões de leitura, etc., mesmo que ele não tenha plena consciência dessas questões na prática. Aquele que trabalha com essas questões no campo teórico também terá sua concepção observada através da sua prática e mais ainda no seu discurso. Nesse sentido, o teórico não seguirá necessariamente

---

<sup>13</sup> Definição cf. senso comum.

sua teoria à risca, mas lidará com outras faces, como seus pressupostos e a sua prática tradutória. Como já vimos, a prática e o discurso podem ser dissonantes, e a concepção de tradução pode ser a combinação entre esses dois exercícios, juntamente com toda a bagagem de pressupostos que norteia a prática e o discurso.

#### 1.4 CONCEPÇÃO DE TRADUÇÃO VERSUS TEORIA

O que denominamos até o presente momento como *concepção de tradução* pode ser confundida com uma definição de teoria, uma vez que ambas estão relacionadas. Sendo assim, é pertinente fazer uma distinção mínima entre *concepção de tradução* e *teoria de tradução*, para os fins deste trabalho.

Aquilo que denominamos concepção de tradução aparece como um conjunto de pressupostos, que podem ser flagrados na prática do indivíduo e também no seu discurso sobre tradução. A teoria de tradução pode ser definida como um discurso resultante de uma prática teórica, em geral acadêmica, que é discutida em vista dos parâmetros de consistência dos seus pressupostos.

Tendo em vista essas duas definições, podemos constatar que uma concepção e uma teoria lidam com pressupostos, porém não podem ser definidas como equivalentes. Enquanto uma concepção trabalha com o conjunto de pressupostos, não necessariamente consistentes, inerentes ao indivíduo, e a partir deles se define enquanto concepção, a teoria discute esses pressupostos de maneira mais rigorosa, como uma prática do *pensar* a tradução nos seus mais diferentes níveis.

A teoria e a concepção de tradução, sendo então coisas diferentes, não podem servir de parâmetro para abordar a questão qualitativa. Uma tradução não deve ser considerada melhor ou pior por ser embasada em uma teoria e/ou em uma concepção. Como já foi exposto, parece que aquele tradutor que trabalha com a teoria, i.e., que tem conhecimento daquilo que se expõe no campo teórico, também conta com sua concepção de tradução, e esta norteia também sua prática. Aquele que não tem conhecimento teórico não será necessariamente um *mau* tradutor, pois também conta com sua concepção de tradução. Tanto o leigo quanto o teórico serão capazes de traduções competentes, que estejam ligadas ao que ambos entendem como uma tradução pertinente àquele momento. É a constatação das possibilidades



de existência e utilização dessas duas visões que faz com que um projeto como o do *Grupo Pacto* possa acontecer. Como veremos a seguir, o *Grupo* não conta com uma teoria de tradução, mas sim com diferentes pressupostos. Os integrantes que participam da tradução expõem, mesmo que informalmente, seus pressupostos para uma concepção de tradução, a qual guiará o processo tradutório.

O *Grupo* constrói, através de problemas e discussões dissonantes, uma reflexão sobre a prática tradutória, que não se forma enquanto teoria, mas sim como um discurso sobre a prática tradutória, que se desenvolve através de diferentes concepções de o que é tradução e como ela deve ser produzida.

## 2. GRUPO PACTO

### 2.1 DESCRIÇÃO DO CORPUS E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O *Grupo Pacto* é composto, segundo o prefácio à tradução do *Grupo*, de 32 integrantes, porém no levantamento feito através das mensagens constatamos que 35 integrantes trocaram e-mails e de alguma forma confirmaram sua presença no *Grupo*, embora não tenham participado ativamente da tradução. O livro 6, objeto de trabalho do grupo, é composto por 30 capítulos, divididos entre 28 participantes - 2 deles (informante 6 e informante 13) traduziram 2 capítulos; 7 participantes não traduziram nenhum capítulo, mas estão citados como participantes no *corpus*<sup>14</sup>.

O *corpus* conta com e-mails enumerados de 1 até 1882<sup>15</sup>, e terão essa numeração mantida para nossa análise e organização. Essa numeração é fornecida pelo site<sup>16</sup> através do qual o *Grupo* manteve sua comunicação, e todas as trocas de mensagens constam em CD anexo a este trabalho. Para manter a privacidade dos integrantes do *Grupo* os nomes foram trocados por referências a informantes. Ou seja, ao invés dos apelidos apresentados pelos integrantes na própria tradução do *Grupo*, em seu prefácio, situaremos os participantes neste texto pelos números descritos na lista apresentada no início deste trabalho.

Podemos dividir o *corpus* em três fases<sup>17</sup>: a primeira fase, que começa no e-mail 1 e se estende até o e-mail de número 718, diz respeito às mensagens trocadas antes do lançamento do livro. Nessa fase os participantes discutem questões relacionadas à formatação do texto, uma vez que, em seu projeto, eles pretendem fazer uma tradução com a maior qualidade possível no menor tempo possível. A questão da formatação, nesse caso, é importante, uma vez que garante uma maior

---

<sup>14</sup> Enumeramos os informantes de acordo com a lógica proposta na Lista inicial, tendo em vista suas traduções dos capítulos, suas participações no grupo e, ainda, apontando aqueles participantes que são citados como integrantes, mas não participaram do processo de discussão do grupo sistematicamente.

<sup>15</sup> Alguns e-mails não existem no *corpus* na numeração virtual e por isso também não aparecem neste trabalho. São eles: 20, 21, 417, 747, 1743 e 1744.

<sup>16</sup> *Yahoo! Groups*.

<sup>17</sup> Usamos aqui a idéia de fases para facilitar a discussão das idéias, uma vez que os e-mails seguem uma ordem e fazem parte de um todo que não pode ser dividido. As fases aqui se propõem apenas como uma possibilidade de organização para a discussão deste *corpus*.

agilidade na conclusão do texto final, possibilitando que a tradução seja distribuída aos interessados o mais rápido possível. Outras discussões que antecedem a fase de tradução também são contempladas nessa primeira fase, sendo estas de maior interesse para este trabalho. Algumas diretrizes são decididas nesse primeiro momento, entre elas: a tradução ou não dos nomes dos personagens; a disponibilização de um glossário com termos já traduzidos anteriormente, na tradução oficial; a edição utilizada pelos integrantes do *Grupo* para a tradução (americana ou britânica, com opção pela edição britânica); a divisão de capítulos para cada integrante; além de outras discussões acerca de idéias sobre tradução, que comentaremos detidamente mais adiante.

A segunda fase comporta as mensagens de número 719 até aproximadamente a mensagem de número 1738, quando os capítulos a traduzir são definidos e a tradução propriamente dita é realizada. Nessa fase temos as discussões sobre a tradução propriamente dita, ou seja, a discussão de termos, expressões, dúvidas e resoluções acatadas ao final da tradução do *Grupo*. As discussões dessa fase abrangem expressões usuais do inglês, assim como expressões e termos específicos dos livros de JKR, além de retomar algumas discussões da primeira fase das mensagens, como a tradução de nomes conhecidos e desconhecidos, por exemplo. Após todos os capítulos terem sido traduzidos pelos diferentes integrantes, e enviados aos revisores de maneira aleatória<sup>18</sup>, há ainda discussões sobre a revisão e formatação. A tradução do *Grupo* contou com 3 revisores de texto e 1 revisor da formatação. O revisor da formatação e moderador do *Grupo* é também aquele que escreve o prefácio em nome de todos os integrantes, i.e., coordena as escolhas e discussões, e também *responde* pelo *Grupo Pacto*.

A terceira e última fase contempla a discussão sobre a tradução do *Grupo Pacto*, distribuída exclusivamente pela internet, alguma discussão sobre a repercussão da tradução em fóruns da internet, algumas escolhas da tradução oficial quando do lançamento do livro em português pela editora responsável pelos direitos autorais da obra, e algo sobre o livro 7, que seria traduzido pelo *Grupo* em 2007.

---

<sup>18</sup> Segundo as mensagens, cada capítulo passou pelos três revisores de forma aleatória, ou seja, a primeira, segunda e terceira revisão não foram feitas sempre pela mesma pessoa. A formatação, entretanto, foi feita apenas por 1 revisor, que não faz parte da lista de revisores de texto.

Nesse *corpus* temos também duas intervenções de integrantes querendo utilizar essa experiência de tradução para trabalhos acadêmicos (integrantes que não estão contabilizados como participantes): a primeira enviou um questionário para que os integrantes respondessem a respeito da experiência de tradução desse livro<sup>19</sup>; e a outra é o pedido de permissão para que esta monografia fosse realizada, ou seja, para que os integrantes autorizassem o uso das mensagens e arquivos para a monografia que aqui se desenvolve, passando aos integrantes uma idéia geral daquilo que seria o trabalho nos moldes imaginados naquele momento.

A datação das mensagens, muitas vezes, não parece correta, pois ela depende daquilo que está configurado no próprio computador de cada integrante. A discussão, porém, parece ter se estendido de 11 de fevereiro de 2005 até 9 de outubro de 2006. A período tão longo de trabalho se deve ao fato de que o *Grupo* já havia, nas mensagens finais do *corpus*, iniciado algumas considerações a respeito do processo da próxima tradução do *Pacto*, o livro de número 7 (último da série), sem aprofundarem a discussão<sup>20</sup>.

A primeira fase do *corpus* também pode ser marcada, em termos de data, à partir da primeira troca de mensagens até o lançamento do livro de número 6 – *Harry Potter and the Half-Blood Prince* – que ocorreu à meia-noite de 16 de julho de 2005. A partir da mensagem 719, logo após o lançamento, temos então o início da segunda fase, segundo nossa datação. A segunda fase contempla desde a data de lançamento mundial desse mesmo livro até o carregamento da tradução completa no *Yahoo! Groups*, que conta com capa, prefácio e a tradução, em 30 de agosto de 2005. A terceira fase terá seu fim com o final das mensagens do *corpus* em 9 de outubro de 2006. Outro fato que faz com que a datação seja extensa, diz respeito às discussões sobre a tradução oficial da editora Rocco, feita pela tradutora Lia Wyler, após o lançamento da tradução oficial do livro de número 6, objeto de trabalho do *Grupo*.

Iremos, a seguir, dividir essas discussões em tópicos diversos e exemplificar cada uma delas, para que se tenha uma visão geral do *corpus* a ser discutido.

---

<sup>19</sup> Porém as respostas dos integrantes não são divulgadas no site do grupo.

<sup>20</sup> Não trataremos aqui de discussões sobre o livro 7 ou questões relacionadas a ele, por imaginar que este poderia ser outro objeto de estudo, utilizando também os e-mails trocados depois de 9 de outubro, e que não fazem parte desse *corpus*.

Devido à extensão do *corpus*, preferimos dividi-lo em dois assuntos distintos: as questões para-tradutórias e as questões sobre tradução ou questões tradutórias.

As questões para-tradutórias abrangem assuntos sobre formatação dos textos enviados aos revisores, já discutidas no início deste capítulo, questões e comentários sobre o desenho da capa da tradução, divisão de capítulos (feito aleatoriamente, através de sorteio), discussões OT<sup>21</sup>, definições de apelidos e as chamadas *mini-bio*<sup>22</sup> de cada integrante. Apesar de reconhecer a relevância de todos esses tópicos para a confecção da edição final da tradução, não trabalharemos com eles aqui, por não acreditar que sejam relevantes para a discussão que se pretende fazer neste momento.

As questões sobre tradução, ou, questões tradutórias serão o objeto de análise do *corpus*, uma vez que lidam com questões relacionadas à prática da tradução e o discurso a respeito da tradução, baseado nos pressupostos de cada integrante, que juntos formam o *Grupo Pacto*. A seguir pontuaremos os tópicos relevantes discutidos pelo *Grupo*, para exemplificar e analisar o *corpus* aqui proposto. Os tópicos não aparecem em ordem cronológica ou de relevância, mas sim de acordo com a nossa visão de organização mais consistente para a análise.

Iniciamos a análise dos tópicos a partir das ferramentas utilizadas para a tradução. O *Grupo* utiliza diversos dicionários, pesquisas pela internet, etc. É interessante observar que os integrantes baseiam sua tradução também em um glossário, montado pelo informante 10 (mensagem 19)<sup>23</sup>, de termos já utilizados nas traduções anteriores, com foco principal na tradução oficial de Lia Wyler. Podemos perceber, através dessa opção feita pelo *Grupo* que, apesar de criticarem muitas vezes a tradutora oficial, eles não descartam as resoluções por ela encontradas.

A crítica à tradutora oficial é bem clara. Na terceira parte do *corpus* os participantes comparam alguns pontos das duas traduções (oficial e não oficial), porém nos parece mais pertinente para esse trabalho a visão geral sobre a tradução

---

<sup>21</sup> Off Topic. Conceito usado na informática para discussões que não são relacionadas ao motivo do grupo, neste caso assuntos não ligados à tradução.

<sup>22</sup> Cada integrante foi citado no prefácio com apelidos e uma pequena descrição de cada integrante, chamada nos emails de mini-bio. Os apelidos aqui neste trabalho serão modificados pelos números de cada informante. As descrições não serão discutidas em termos formais, uma vez que lidam com questões pessoais que não parecem relevantes para esse trabalho.

<sup>23</sup> Usaremos como referência o informante conforme descrito na Lista inicial e o número da mensagem, conforme o Anexo. Quando necessário, usaremos citações das mensagens utilizadas, colocando também o informante e o número da mensagem citada.

oficial, que aparece durante toda a discussão. Segundo os participantes, um dos erros de tradução de Lia Wyler diz respeito aos nomes das personagens no texto. Para o informante 18, “Os leitores brasileiros, mesmo não sabendo inglês, sabem reconhecer um nome. E além do mais, nós estaríamos cometendo o mesmo erro que foi tão criticado pela tradução da Lia” (mensagem 26). Segundo os fãs, o maior erro de tradução de Lia Wyler está ligado à tradução dos nomes de personagens. A nomenclatura que aparece nas aventuras de *Harry Potter* foi inteiramente traduzida por Lia Wyler, devido ao seu projeto de tradução, que é voltado ao que a tradutora considera os leitores aos quais os livros são destinados, no caso o público infanto-juvenil. Em entrevista para o jornal *Folha de São Paulo*, no caderno *Folhateen* de 11 de julho de 2005, (transcrita pelos integrantes do Grupo na mensagem 618) Lia Wyler comenta, após pergunta do jornalista:

**Folha** - A tradução de alguns nomes para o português, como Sphinx em Esfinge, Blast Ended Screwt em Explosivim e Lavender em Lilá, são idéias suas? A própria J.K. Rowling pede para que esses nomes sejam adaptados para o português?

**Wyler** - Esfinge e Lilá são os correspondentes consagrados de Sphinx e Lavender (nome feminino). Explosivim é criação minha, após perguntar à editora que característica eu deveria destacar desse bicho. A terminação "im" é a que usamos em português em fradim ou beijim. Desde 2000 tenho deixado claro que, tratando-se de um livro para crianças de 9 a 12 anos, obedeci às normas mundialmente respeitadas de traduzir de alguma forma o humor contido nos nomes próprios - lembre-se que a tradução é feita para crianças que não falam inglês. A rigor, eu deveria ter traduzido todos os nomes próprios, o que os prazos curtos com que tenho trabalhado me impediram de fazer.

Devido aos comentários, percebemos que os participantes reconhecem a tradutora como uma pessoa competente, como dito pelo informante 7, mensagem 78:

O objetivo da tradução não é simplesmente dizer que fez um trabalho melhor que a Lia (...) É AJUDAR quem não vai poder ler até o fim do ano (...) porque por mais que a gente se esforce, passe horas e mais horas traduzindo o mesmo capítulo, a gente vai pegar o capítulo da Lea depois, ler e pensar: OK, essa mulher fez um trabalho muito melhor que o meu.

Vemos que, apesar das críticas ao trabalho da tradutora oficial, muitas vezes os participantes admitem que o trabalho de Lia Wyler seja o de uma profissional. O

que parece ser interessante mostrar é que, apesar de não concordarem com a tradução dos nomes de Lia Wyler, os participantes do *Grupo* votaram, através de uma enquete<sup>24</sup>, na melhor opção para a tradução dos nomes. Decidiram manter os nomes já consagrados por Lia Wyler na sua tradução, e manter no original aqueles nomes que não apareceram antes na obra. Além disso se utilizam de expressões e recriações<sup>25</sup> da própria tradutora para a tradução do *Grupo*. Parece que a tradução de Lia Wyler, apesar dos defeitos e críticas apontados pelos fãs da série, serve como parâmetro para a tradução. Essa escolha é relevante para algumas considerações adiante a respeito da relação entre *projeto* e *fidelidade*.

Outro tópico que merece destaque refere-se à escolha pela inserção, na tradução do *Pacto*, de notas de tradução. Segundo o informante 7, “todo tradutor minimamente decente e responsável usa notas” (mensagem 81). As notas, apesar de não discutidas exaustivamente no *corpus*, são adotadas “para termos que não vamos traduzir para dar uma idéia para os leitores, mas sem traduzir, para não criar confusão” (mensagem 1148, informante 10). A nota de tradução é um diferencial em comparação à tradução oficial. No projeto de Lia Wyler as notas não podem ser usadas devido à sua proposta focada na literatura infanto-juvenil, porém na tradução do *Pacto* estas aparecem para explicar verbetes ou origens de palavras. A palavra criada por JKR – *Horcruxes* – tem a seguinte definição em nota (neste caso usaram notas finais e não no corpo do capítulo, para não *estragar* o suspense através da definição do verbe):

Optamos por não colocar no capítulo onde os horcruxes são citados pela primeira vez seu possível significado por que isso talvez atrapalhasse a leitura (...) *Crux* em latim quer dizer cruz, mas pode ser que JK Rowling esteja se referindo à mesma palavra em inglês, que significa cerne, centro. Em francês *hor* significa fora, daí alguns fãs que discutiram o assunto ponderam que talvez horcrux queira dizer “centro do lado de fora”. Porém, um de nossos tradutores achou referências também ao faraó Hor, que foi um dos primeiros a realizar cerimônias de consagração de objetos durante a mumificação para garantir a vida pós-morte<sup>26</sup>.

<sup>24</sup> Criada no próprio Yahoo! Groups.

<sup>25</sup> Expressões inventadas por JKR e que são reinventadas no português, como “snitch”, traduzido por Lia Wyler como “pomo de ouro”. Outro exemplo é a tradução de “Buckbeak”, que foi denominado “Bicuço” e “Crookshanks”, denominado “Bichento”. Cf. (Wyler, 2003).

<sup>26</sup> Esta citação foi retirada das notas finais da tradução do *Grupo Pacto*, e não do *corpus*. Entendemos que a tradução em si também faria parte deste trabalho, porém não iremos compará-la a outras traduções.

Com as notas de rodapé, os integrantes mantêm a decisão de não traduzir os nomes e outros verbetes para o português, porém explicam ao leitor qual o *sentido* da palavra. Outra situação ligada às notas de tradução se refere ao título do capítulo 7, traduzido por “Clube do Slug<sup>27</sup>”. A nota explica a tradução como “corruptela do sobrenome do professor (Slughorn), a palavra Slug, que em inglês quer dizer *lesma*<sup>28</sup>”. Nesse caso os participantes decidiram traduzir a expressão, mas ainda assim usaram a nota do tradutor, para que os leitores tomassem conhecimento da outra leitura possível – o trocadilho.

Merece destaque também a nota referente ao título do capítulo 2 – *Spinner’s End*. O *Grupo* diz que o termo é “intraduzível por ser o nome de uma rua ou beco”<sup>29</sup>. Aqui temos a idéia de algo intraduzível, na concepção dos integrantes do *Grupo*, porém Lia Wyler o traduz como “A Rua da Fiação”, mostrando que, na verdade, o termo não é intraduzível. Discutiremos o entendimento em torno da questão do *intraduzível* mais adiante

Outros termos e idéias também contam com notas de tradução, seguindo normalmente a lógica de explicação de termos e definições. Apenas uma nota é colocada fora desses padrões, como uma crítica direta à tradução oficial – a referente ao nome *Bellatrix*, mantido na tradução do *Pacto*.

Talvez mas muito talvez mesmo, você nunca tenha lido esse nome, e sim a sua horrível tradução, Belatriz. Quase todos os nomes já traduzidos foram mantidos, esse foi exceção, só por que achamos a tradução muito feia. Desculpe o mau jeito se você prefere Belatriz...<sup>30</sup>

Ainda discutindo os problemas de tradução, outro caso percebido pelos integrantes do *Grupo* diz respeito ao sotaque de algumas personagens, em especial à personagem *Fleur Delacour*, que é uma francesa aprendendo o inglês, e de *Hagrid*, que conta com um registro mais coloquial em relação aos outros personagens do livro. Para manter a marcação do sotaque, os integrantes decidiram, no caso da personagem *Fleur*, “colocar dois erres onde só tem um, transformar diminutivo em *in* e *ão* em *on*. Eliminar a segunda vogal ditongos tipo *oi*,

---

<sup>27</sup> “The Slug Club” em inglês.

<sup>28</sup> *Harry Potter e o Príncipe Mestiço*, p. 71.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 21



ou, *ei*, eu, acentuados só a primeira vogal” (mensagem 1148, informante 10)<sup>31</sup>. O registro de *Hagrid* foi assim resolvido pelo informante 19 que usou “expressões abreviadas – ex: tive no lugar de estive. (...) Pronomes retos no lugar de oblíquos (...) nas traduções que tinham mais de um sinônimo (...) optar sempre pelo mais simples.” (mensagem 1170).

A tradução de alguns nomes de livros didáticos inéditos, dentro da narrativa, foi discutida também no *corpus* e merece destaque. Dois novos nomes de livros foram inseridos no livro número 6, sendo eles *Advanced Potion-Making* e *Advanced Rune Translation*. As sugestões discutem a inserção da palavra *nível* para a tradução. O informante 5 diz :

“...melhor traduzir ‘Advanced Potion-Making’ como ‘Preparo de Poções – Nível Avançado’ ou ‘Preparo de Poções em Nível Avançado’, já que o *advanced*, nesse caso, dá mais a idéia de que é um livro destinado a bruxos dos últimos anos de Hogwarts. É só a gente lembrar dos ‘advanced books’ dos cursos de inglês, que eram sempre no sentido de nível avançado mesmo” (mensagem 756).

Para o informante 5, portanto, os personagens estão nos últimos anos de ensino, i.e., no nível mais avançado, por isso a inserção da palavra *nível* se justifica. Já o informante 13 diz “que fique ‘preparo avançado de poções’, por que não vejo a palavra ‘nível’ no título do original” (mensagem 791). Apesar de o informante 13 ser moderador do *Grupo* e optar por essa decisão inicialmente, a tradução final utilizou a solução *Preparo de Poções – Nível Avançado*. Nesse sentido, a tradução do outro livro didático citado também manteve essa solução, traduzido então como *Tradução de Runas – Nível Avançado*. O *Grupo*, apesar da discrepância entre as opções e decisão por aquele que não *aparece* no original, manteve nesse caso a mesma solução para os dois termos, mantendo aqui a homogeneidade de escolha.

Um problema de tradução que se discutiu durante os fóruns<sup>32</sup> diz respeito ao personagem *Half-Blood Prince*. Este é um pseudônimo é utilizado pelo personagem Snape, com o intuito de não ser identificado pelos outros personagens durante a narrativa. Esse apelido é composto pelo sobrenome da mãe do personagem, Prince,

<sup>31</sup> A título de exemplo: Fleur – “Então ele tem sorte de se casar comigo” (p. 302); e Hagrid – “Você devia ver ele, Harry, ele tá tão feliz de estar novamente em espaço aberto... (p. 62).

<sup>32</sup> Grupos de discussão de *Harry Potter* no site de relacionamento Orkut, grupos de discussão, etc. (ver referência no final deste trabalho).

mais Half-Blood (mestiço) que faz referência à condição de mestiçagem do mesmo personagem – por ser filho de um *ser-mágico* com um *ser-não mágico*.

Um dos problemas reside no fato de que se a opção for por uma tradução do termo para *Príncipe*, o mesmo não é reconhecido como sobrenome no Brasil. O *Grupo* preparou, então, uma enquete sobre como traduzir o referido termo, e decidiu traduzir-lo por *Príncipe*.

Para além da questão do termo *Prince*, o termo Half-Blood foi traduzido para *mestiço*, pelo *Grupo*, tanto no título do livro como no corpo do texto. A opção por essa tradução levou em conta a conotação de ambigüidade do personagem na narrativa (pessoa com herança mágica de um dos pais e não-mágica do outro). A tradutora oficial traduz o título por *Enigma do Príncipe*, suprimindo assim esse duplo sentido, mas mantendo a idéia do enigma, que só se resolve no final, ao se descobrir quem é o *Príncipe Mestiço*. Na tradução do *Pacto*, quando da descoberta do sobrenome pela personagem Hermione, a palavra foi traduzida e colocou-se uma nota que explicava o porquê daquela tradução não manter o nome como era originalmente, i.e., *Prince*. O informante 10 comenta:

...depois de pensar um pouco, cheguei a conclusão de que não é preciso traduzir o sobrenome. Ao ver o sobrenome Prince, Hermione poderia associá-lo ao livro do mesmo jeito, assim como seria perfeitamente possível a Snape se autodenominar Príncipe porque sua mãe tem sobrenome prince. É bastante óbvio para pessoas com um mínimo de conhecimento (e suponho que alguém capaz de ler um livro desse tamanho, depois dos cinco anteriores tenha esse mínimo de conhecimento e perspicácia) que prince tem a ver com príncipe. (mensagem 1160)

Essa solução contou com opiniões divergentes. Apesar das divergências, o que prevaleceu aqui foi a decisão tomada após uma enquete, na votação geral.

O *Grupo* lidou ainda com outros problemas de tradução, como por exemplo, o trocadilho *Will and Won't*, tendo em vista o duplo sentido na tradução de *will* (vontade, desejo e testamento). Na narrativa, um personagem é deixado como herança a *Harry Potter*, mas o personagem não gosta de obedecer a *Harry*, e reluta. Conforme o episódio transcorre, vemos como o trocadilho é uma *dica/pista* dos sentimentos por que passa o personagem herdado. Outro trocadilho está na expressão *Elf Tails*, que foi traduzido pelo *Grupo* por *elfos na cola*, sendo que *tail* tanto pode significar *cauda*, *rabo* num sentido mais literal, como expressão

idiomática para *espionar, seguir* (dois personagens são designados para seguir um terceiro). Nesse caso, o *Grupo* utilizou novamente a nota final, em que explicam:

No capítulo 19, o título “elfos na cola” não é transliteral. Originalmente seria “Elf Tails”, que quer dizer “Rabos de Elfo”, mas que na verdade é um título para gerar confusão, por que “tail” em inglês quer dizer “seguir, espionar”, numa referência à tarefa que Harry designa a Dobby e Monstro. Essa nota está aqui no fim, e não no capítulo de origem por que não queríamos antecipar a ação do capítulo, uma vez que só fica claro que os elfos estão seguindo alguém quase no fim do mesmo.

Na citação acima percebemos uma possível *noção de transliteralidade*. Para o *Grupo*, a transliteralidade seria um equivalente à tradução *palavra por palavra*. Ao explicar sua escolha por outra solução, o *Grupo* comenta que há a dupla interpretação do trocadilho, e nesse caso a escolha foi por uma espécie de adaptação. Não utilizam, assim, uma tradução literalizante, mantêm aqui a idéia do trocadilho, porém perdem a literalidade (*tail-rabo*), utilizando no lugar uma expressão idiomática brasileira: *na cola*.

O tópico com o maior número de sugestões e participações foi o da tradução da sentença “Dumbledore’s man through and through”. Na tradução final do *Grupo Pacto*, a sentença ficou como “Partidário de Dumbledore até o fim” (informante 13, mensagem 1152). Muitas opiniões à respeito da tradução dessa frase foram expressas, entre elas “O braço direito de Dumbledore” (informante 16, mensagem 858); “Com Dumbledore até o fim” (informante 7, mensagem 862); “Fiel a Dumbledore até o fim” (informante 29, mensagem 931); “Capacho de Dumbledore até o fim” (informante 24, mensagem 980); entre outras.

Torna-se necessário explicar minimamente o que acontece na história para que as várias opiniões façam sentido: na narrativa, o personagem de Harry Potter está sendo seduzido por membros do ministério da magia, sendo que ele não tem interesse em se aliar ao ministério, mas sim, acredita nas idéias do diretor da escola – *Hogwarts* – onde estuda, que não são as mesmas do *Ministro da Magia*. A frase então é usada pelo *Ministro da Magia* ao descobrir o lado em que Harry Potter se posiciona. Ele é um político que está indignado com o comportamento do garoto, mas ao mesmo tempo ainda conta com uma esperança de convencê-lo de sua opinião. Sendo assim, a frase é algo cínica, porém sem ser grosseira, ou seja, “a ofensa está subentendida pois sabemos quais são as opiniões do Ministro sobre

Dumbledore. Falar que Harry é Dumbledore's man é dizer que ele está de acordo com Dumbledore, associado a ele" (informante 11, mensagem 1019).

Alguns integrantes do *Grupo* parecem não ter percebido inicialmente essa forma de cinismo, uma vez que as opções dadas não contemplavam essa sutileza. A respeito das *noções intencionais* do Ministro na narrativa, dois comentários são interessantes:

Ele quer ofender o Harry. Dizendo algo do tipo: vc só faz o q ele manda, né? Se ele está contra mim vc tb está, não pensa sozinho? Por isso, acho q a tradução q a (informante 10) sugeriu, "Capacho de Dumbledore até o fim", é mais fiel à situação. (informante 24, mensagem 980).

Com Dumbledore até o fim. que foi a mais cotada, simplesmente não cabe sintaticamente. Porque a frase se refere a algo que Harry é. Que tal alinhado com Dumbledore até o fim ou *partidário de Dumbledore até o fim* (...) O ministro não pode ser rude demais com Harry, pois ainda tem a esperança de atraí-lo. As frases acima dariam a idéia de Harry estar (...) apenas seguindo Dumbledore, sem ficarem tão ofensivas. (informante 10, mensagem 1091).

Na primeira citação, o informante explica aquilo que pode ser a leitura implícita do personagem – o cinismo. A partir disso, o informante expõe sua escolha, afirmando que esta seria “mais fiel à situação”, focando a questão da fidelidade nas opiniões. Na segunda citação, observamos uma intenção de questionamento da *certeza* da fidelidade, uma vez que as opções são pesadas e o tópico não só discute a questão da fidelidade, mas também a lógica da frase, além de sua forma sintática na sentença, procurando assim a escolha mais pertinente para aquela situação, observando aquilo que na visão do *Grupo* é pertinente para a tradução. A escolha final do *Grupo* por *partidário* parece dar à frase a duplicidade necessária (pois *partidários* é a tradução utilizada para os capangas do *mal* – tanto na tradução de Lia Wyler quanto na tradução do *Grupo*), porém sendo sutil, devido às circunstâncias da narrativa.

Outros tópicos foram abordados durante o processo de tradução, como traduções de termos muito específicos do mundo de *Harry Potter* (senhas de passagens secretas, por exemplo), palavras e expressões coloquiais da língua inglesa, trocadilhos (U-NO-POO), formalidade em discursos (carta do diretor ao aluno), etc., porém acreditamos que os tópicos aqui expostos já mostram os principais problemas de tradução do *Grupo*. Esse recorte não quer esgotar as discussões do *Grupo*, uma vez que cada discussão é diferente em si, porém

acreditamos que o recorte é significativo das principais idéias do *corpus*, e neste momento são suficientes para nosso trabalho. Havendo necessidade de observação ou exemplificação, comentaremos *in loco* outros exemplos mais pontuais.

## 2.2 A DISCUSSÃO

No prefácio do livro *Harry Potter e o Príncipe Mestiço*, traduzido pelo *Grupo Pacto*, algumas considerações acerca da tradução são expostas:

Há pouco mais de dois anos atrás, quando o livro *Harry Potter and the Order of the Phoenix* foi lançado em inglês, muitos fãs brasileiros ficaram desesperados: a tradução de *Harry Potter e o Cálice de Fogo* havia demorado um ano e meio para sair no Brasil, e todos que não liam em inglês temiam uma espera angustiante de mais de um ano para ler o novo título de J.K. Rowling. Foi quando, no lançamento do livro no Rio de Janeiro, um grupo de fãs resolveu fazer uma tradução alternativa e distribuir para amigos que não pudessem ler em inglês. A intenção não era atrapalhar a comercialização do livro, mas dar uma oportunidade de levar a quem não lia em inglês uma tradução com duas características essenciais: qualidade e respeito ao fã. Nascia assim, *O Pacto*.

A tradução de *Order of the Phoenix* teve seus erros e tropeços, mas aprendemos muito com ela. Quando foi ao ar, um pouco depois do que os integrantes realmente queriam, todos tinham um senso de dever cumprido: nosso pacto havia pelo menos atingido os seus objetivos e seu trabalho foi considerado, por muitas pessoas, a melhor tradução alternativa publicada na internet. Em janeiro desse ano, com algumas ausências e muitas novas adesões, iniciamos o *Segundo Pacto*, com um grupo de 32 pessoas dispostas a fazer um trabalho ainda melhor e mais rápido que o *Pacto* original.

Em 26 dias, tínhamos a nossa versão do livro, dessa vez com mais novidades e quatro revisões antes da versão final.

Você encontrará notas explicativas em diversos capítulos para os termos cuja tradução nos deu mais trabalho. Esperamos levar a todo fã de Harry Potter uma tradução fiel e bem cuidada, como só um grupo de fãs seria capaz de elaborar.

Estamos torcendo para que você curta tanto nosso trabalho quanto curtimos fazê-lo, porque, pode ter certeza: foi trabalhoso, mas foi muitíssimo divertido trazer o *Pacto* novamente à vida.

Tenha uma boa leitura e divirta-se!

Assinado: Todos os Tradutores do *Pacto* (...)

Notamos no prefácio várias afirmações que parecem relevantes para a discussão que aqui se propõe. A primeira afirmação exposta é a de que o projeto tem como linha principal a tradução para aqueles que não lêem em inglês. Parece interessante observar que esse objetivo norteia muitas das opções de tradução do

*Grupo*. Em se tratando de uma série que teve todas as traduções anteriores publicadas através da tradução oficial de Lia Wyler, parece pertinente que muito daquilo já utilizado na tradução oficial seja mantido na tradução do *Grupo*, de acordo com essa idéia de projeto. Sendo assim, a tradução dos nomes, apesar de ser criticada pelos fãs e pelos integrantes do *Grupo* regularmente, é mantida para a melhor compreensão dos leitores, para não confundi-los, uma vez que a tradução do *Grupo* é distribuída alguns meses antes da tradução oficial. A qualidade e o respeito ao fã parece ser uma crítica à tradução oficial, uma vez que essas são duas características da tradução de Lia Wyler criticadas em fóruns na internet, grupos de discussões dos livros, etc.

Outra afirmação categórica do prefácio diz que uma tradução (e a tradução do *Grupo*, especificamente) fiel e bem cuidada só é possível quando os tradutores são também fãs da obra em questão. Podemos discutir nessa afirmação o que é uma tradução *fiel* e como essa fidelidade aparece na tradução dos *fãs*. Podemos ainda discutir a idéia do que seja *fã* dos textos ou ainda o que é uma tradução *bem cuidada*. A questão da fidelidade será discutida no capítulo 3 deste trabalho, mas é interessante observar como ela já é exposta logo no prefácio da tradução do *Grupo*.

Segundo o *Grupo*, sua tradução anterior (livro 5) foi considerada a melhor tradução alternativa publicada na internet por muitas pessoas, porém não sabemos quem são as pessoas que tanto gostaram da tradução anterior. Pensando que a tradução do livro número 6 foi distribuída através de fóruns, grupo de discussão dos livros da série e por e-mail para os interessados, presume-se que as *pessoas* são os leitores dos livros que receberam a tradução e comentaram sobre ela de alguma forma, porém não sabemos como e nem quantos discutiram a tradução. Sendo assim, não sabemos se essa afirmação confere ou não, porém ao citá-la no prefácio, temos uma afirmação, verdadeira ou não, da qualidade da tradução.

O prefácio é utilizado aqui para introduzir outras discussões acerca de tradução e de conceitos ligados à tradução através da troca de mensagens. Nesse sentido, as idéias de texto, língua, tradução, original, entre outros aparecem também no *corpus*, mesmo que não discutidas formalmente, assim como a idéia de fidelidade aparece no prefácio. Iremos discutir esses conceitos à medida que observamos algumas afirmações presentes no *corpus*.

Uma primeira discussão é relacionada à leitura *versus* tradução. Um integrante enviou a seguinte pergunta<sup>33</sup>:

Mas, por exemplo, eu fico com o capítulo 17... daí eu vou lá traduzir o capítulo... sem ler os anteriores?? Primeiro, que pode estragar a surpresa do livro. Segundo, que pode ser que a gente fique meio perdido, desorientado. Terceir, que talvez fique mais difícil de entender, por exemplo, um termo novo que foi explicado nos primeiros capítulos e, como a pessoa não leu essa parte, não consegue relacionar a palavra, entende?? (informante 32, mensagem 345)

Parece interessante observar que o informante considera viável a opção de traduzir sem fazer a leitura, apesar de não concordar. Outro integrante afirma ser “altamente recomendável que todos (...) leiam o livro inteiro antes de começar a traduzir” (mensagem 346, informante 10). A leitura do livro na sua totalidade não parece estar ligada a um pressuposto de tradução para alguns integrantes, enquanto que para outros, isso é fundamental.

Enquanto que para o informante 10, a tradução não pode ser feita sem a leitura do livro como um todo, para o outro informante isso é aceitável, mesmo que não recomendável. O informante 13, o moderador do *Grupo*, alerta para que “não traduzam sem ler o livro todo”, mostrando assim qual é a opinião dominante. A noção de leitura, nesse caso, para a maioria dos informantes é a da obra como um todo, ou seja, mesmo que apenas um capítulo seja traduzido, a obra é algo completo e a tradução “perde” quando esse todo não é levado em consideração.

A importância da leitura parece ser percebida pelo informante 7, na tradução do capítulo 26, o segundo capítulo a ser traduzido por ele: “Cometi vários erros de tradução no meu primeiro cap que gostaria de evitar nesse com uma leitura mais atenta do livro.” (mensagem 1280)

A leitura, então, parece ser importante no processo de tradução do livro em questão, e nesse caso, por se tratar de uma obra de vários volumes, o conhecimento geral também é extremamente importante e relevante na escolha dos participantes. Todos eles já eram *fãs* antes da tradução, e por isso podem entregar ao leitor uma tradução *fiel*.

Outra discussão relevante para este momento diz respeito ao apontamento da idéia de *intraduzível*, já observada na problematização dos tópicos do *Grupo*. O

---

<sup>33</sup> Essa pergunta surge devido à meta inicial de tradução em 30 dias do grupo, e ainda sobre o processo de sorteio dos capítulos a serem traduzidos.

informante 10 comenta sobre um termo (Wizengamot), afirmando que o termo “realmente é intraduzível porque tem um trocadilho com uma corte (...) da mitologia ou da tradição celta” (mensagem 262). Parece interessante observar que aqueles termos considerados intraduzíveis pelo *Grupo* são os que de alguma forma trazem um problema de tradução, como os trocadilhos, por exemplo. O *Grupo* sugere em seu discurso que, ao ser fiel ao original, “perdas” não devem acontecer. Quando se opta por uma ou outra tradução de um trocadilho, que não transmite duas ou mais idéias daquele termo, não pode ser considerado *fiel*, por isso a idéia de intraduzível. Os problemas de tradução são então resolvidos não pela tradução do termo em si, mas através das notas de tradução. As notas aparecem não somente para explicar algo, mas também para firmar o status de fidelidade da tradução, através da explicação.

O informante 7 comenta sua definição de notas de tradução: “A definição de notas é justamente essa: uma informação extra, não fundamental para o livro (senão estaria nele), mas que colore mais a leitura e dá uma compreensão mais acurada.” (mensagem 1693)

As notas de tradução não são fundamentais para qualquer tradução, mas neste caso são relevantes para nossa análise, uma vez que lidam, mesmo que sem uma discussão formal sobre o assunto, com a questão da fidelidade, como vimos anteriormente.

A questão da fidelidade aparece também através da decisão de como traduzir os registros contidos no livro. Dentro do tópico sobre dialetos e sotaques, exposto na apresentação do *corpus*, temos a sugestão considerada sobre tradução feita pelo informante 7, mensagem 462, nesses casos se referindo ao livro em geral, e não apenas sobre a tradução dos dialetos (sotaques): “Sou a favor da tradução para o coloquialismo, até porque nos diálogos a Rowling usa formas extremamente “orais de escrita”<sup>34</sup>, como *dunno*, *cause*, etc. Acho que traduzir essas informalidades de maneira formal é ser infiel ao original”. O informante prega, como vimos em muitas afirmações, a noção de fidelidade ao original através da manutenção daquilo que se entende como original, nesse caso o coloquialismo.

Sobre a concepção de texto, o *Grupo* parece ter uma idéia fechada sobre o que é “o texto”, e nesse caso, o que é o texto original. O informante 7 comenta sobre

---

<sup>34</sup> Grifo nosso.



a tradução de Lia Wyler: “E o que eu critico (...) não é a tradução. É a arrogância e a prepotência insuportáveis. É o desdém com que fala dos fãs e da própria Rowling. Ah, e como ela se acha no direito de alterar o texto original.” (mensagem 837)<sup>35</sup>

O informante acredita que a tradução não é um texto próprio, mas sim um texto que será lido *no lugar* do texto original, como parece ser o normalmente aceito no senso comum e no *Grupo*. O texto, então, é algo que não conta com uma flexibilidade, consistindo apenas de *uma* leitura, e a tradução deve seguir essa condição. A língua inglesa, nesse sentido, é traduzida completamente para o português, e a obra também. A concepção de língua não conta com a noção de limitação, ou seja, não existe uma gradação entre línguas. Nesse sentido, o que deve ser traduzido são as noções culturais contidas na língua, como trocadilhos, duplos sentidos e registros, entre outros. Não se traduz, nesse caso, aspectos culturais, mas sim mantém esses aspectos e os *transporta* para a nossa cultura. As características britânicas, como as localizações geográficas, a tradição do colégio interno, etc. não são adaptadas a um contexto brasileiro, por exemplo.

Na terceira fase das mensagens temos uma discussão que tem em vista um aspecto cultural:

Há uma simpatia no Reino Unido (acho que nos EUA também) que quando duas pessoas se encontram debaixo do visco (mistletoe) tem que beijar, algo assim (...) vocês não acham que a gente devia colocar uma nota de rodapé explicando essa simpatia? Para o comportamento do Harry e o das garotas ficarem mais compreensíveis. (informante 10, mensagem 1547)

A resposta para essa preocupação é a seguinte:

Eu acho totalmente desnecessário (...) não é possível que NINGUÉM nunca tenha visto um desenho animado, filme ou seriado em que isso apareça. Vamos nos preocupar com o que é relevante: a unidade do texto e a correção gramatical/verbal. (informante 13, mensagem 1567)

Essa nota está inserida já no processo de revisão, por isso a preocupação como a unidade do texto e as correções gramaticais e verbais, porém aparece como sintomática de uma idéia de tradução em que a noção cultural não é importante, por estar implícita já na nossa sociedade. Por isso a preocupação da tradução se expõe com a passagem de palavras, e não com a de cultura. Todas essas observações se

---

<sup>35</sup> Ainda outro comentário do mesmo informante sobre este assunto cf. mensagem 1880

dão no nível do discurso. Na prática, ou seja, na tradução final, o *Grupo* insere a nota a seguir:

Se você nunca viu nenhum filme sobre Natal americano ou inglês, não deve estar familiarizado com a tradição de se beijar a pessoa quando ela passa embaixo do galho de visco, que é uma planta muito comum na decoração de Natal desses países. (p. 152)

Como podemos ver através desse caso, o discurso da prática e a prática do discurso muitas vezes são dissonantes, em certos casos, como o citado aqui, paradoxais. Retomaremos essa discussão no capítulo 3.

Tendo em vista as discussões expostas neste capítulo até o presente momento, podemos discutir agora a tradução tendo em vista o *corpus* analisado.

### 2.3 PRESSUPOSTOS, CONCEPÇÕES E QUESTÕES

Tendo em vista as discussões mencionadas e comentadas anteriormente, podemos perceber que a questão que aparece de forma mais substancial na tradução do *Grupo* é a idéia de fidelidade. Para discutir mais profundamente esse assunto, é necessário retomarmos aquilo que os integrantes entendem por fidelidade.

A concepção de fidelidade para o *Grupo* trata da ligação com o texto original no sentido mais estrito e dentro do projeto proposto pelo *Grupo*. A tradução *fiel* é a *bem cuidada*, e nesse caso é fiel a tradução que coloca todos os termos em evidência, em notas de rodapé ou pela escolha da não-tradução. Para os integrantes, a tradução de nomes, por exemplo, é algo que não condiz com a visão de *fidelidade*, mas é mantida por causa do projeto para *aqueles que não lêem em inglês*, ou seja, aqueles que já conhecem os textos anteriores da obra *Harry Potter* através da tradução oficial.

Os fãs, já explicitados como tais no prefácio da tradução do *Grupo*, são aqueles que têm um conhecimento aprofundado das obras anteriores, não só tendo lido as mesmas, como também discutido as idéias das obras nos mais diferentes níveis. Esses fãs são os indivíduos aptos a traduzir, desde que tenham o conhecimento da língua inglesa. O público-alvo da tradução também são fãs, porém estes não contam com o conhecimento lingüístico para traduzir ou entender o texto

em inglês, por isso não traduzem, mas não deixam de ser fãs, devido ao extenso conhecimento da obra, nesse caso, na tradução oficial.

Retomando as discussões anteriores, podemos perceber que os pressupostos são diferentes para cada um dos participantes, pois contam com formações diversas. Porém, podemos constatar que a concepção de tradução, a partir desses pressupostos, não é tão diferente assim.

Muitas das afirmações categóricas sobre tradução, citadas neste trabalho até agora, são proferidas pelo informante 7, que parece ter uma concepção de tradução mais ligada ao senso comum do que, por exemplo, o informante 10, que também participa substancialmente das discussões, que já conta com uma prática de tradução (mensagem 377). Mas, apesar de não discutirem a questão pontualmente, parecem concordar com as colocações mais categóricas do informante 7.

Percebemos aqui diferentes graus de pressupostos, mas não vemos, nesse momento, uma concepção de tradução diferente para os dois informantes, e nesse sentido, podemos discutir a concepção de tradução do *Grupo* como um todo, sem maiores discrepâncias, uma vez que eles utilizam essa concepção ao invés de recorrerem a uma teoria de tradução que norteie, mesmo que tangencialmente, a sua prática.

O discurso observado através do *corpus* nos traz uma concepção de tradução que nos parece diferente da prática efetiva do *Grupo*. A concepção de tradução do *Grupo* é eminentemente ligada à questão da fidelidade, e seu discurso retorna constantemente para o *fidel* como uma noção qualitativa da tradução e das escolhas, quando na realidade essas escolhas são muitas vezes pautadas pelo projeto do *Grupo*. A decisão pela não-manutenção dos nomes no original, algo que seria para eles uma decisão baseada na noção de fidelidade, uma vez que pregam um maior contato com o texto original, não ocorre, pois os participantes mantêm as escolhas da tradução oficial nos casos em que ela aparece. A decisão final de manter os nomes e muito do que já havia sido traduzido e utilizado na fortuna crítica, tanto nas discussões na internet como na própria tradução oficial, faz com que o *Grupo* tenha um projeto diferente do que somente o da fidelidade, nos termos do grupo sobre a fidelidade. O *Grupo* respeita a competência, nesse caso, da tradutora oficial, mas nem por isso deixa de criticá-la por suas opções, algumas das quais eles acreditam serem equivocadas, porém usam sua tradução e suas escolhas para que o projeto se concretize.

Outras discussões que não são anteriormente expostas na tradução oficial e são resolvidas pelo *Grupo* seguem duas linhas: a da fidelidade segundo os parâmetros do *Grupo* no discurso (mantém no original nomes de personagens que não apareceram anteriormente nos livros; mantém ainda nomes de ruas – Spinner’s End; utilizam notas de tradução para os mais diversos problemas; etc.) e a relativização desse parâmetro de fidelidade do *Grupo* na prática (tradução de trocadilhos – Elfs tails e Slug’s Club, em que se usa nota de tradução, mas são traduzidos; algumas senhas secretas do castelo; a frase “Dumbledore’s man through and through”; etc.)

O *Grupo* sabe que “traduzir não é só pegar o dicionário e transcrever as palavras! (informante 25, mensagem 381)”. Nesse sentido, o informante relativiza a noção de transliteralidade já citada na nota final sobre *elfos na cola*, uma vez que o *literal* não é exatamente aquilo que entendem como tradução. Através da relação entre discurso e prática o *Grupo* mostra que não seguem essa noção, mesmo que mantenham o discurso da prática como o da “fidelidade” totalmente ligada ao original em todos os sentidos.

Através das escolhas observadas na análise do *corpus* do *Grupo*, podemos concluir que estas são baseadas na fidelidade. Tendo como foco a questão da fidelidade, podemos analisar a disparidade do discurso da prática e da prática do discurso, como já observamos durante este capítulo, mas discutiremos mais pontualmente no capítulo seguinte.

### 3. A QUESTÃO DA FIDELIDADE

#### 3.1 FIDELIDADE À OBRA ORIGINAL

O *corpus* tomado nesta monografia, isto é, as discussões em torno dos diversos temas da tradução feitos pelo grupo, não são pontuais sobre o conceito de tradução. Esse conceito é assumido como a passagem de uma cultura para a outra, *mantendo* o original como o texto a ser observado, seguindo aquilo que os participantes consideram marcas culturais, como explicitações regionais, nomes de personagens ou palavras e criações da autora, por exemplo. Apesar do *Grupo* acreditar nesse tipo de tradução, essas regras são relativizadas devido ao receptor do texto do *Grupo*, uma vez que traduzem para aqueles que não lêem em inglês. A questão da tradução de nomes, apesar de algo não *aprovado* pelos integrantes do *Grupo* em relação à tradução oficial, é mantida, pois os receptores desse texto estão *acostumados* com as escolhas da tradução oficial.

Apesar de ligados intimamente à obra original, o *Grupo* mantém também um projeto de tradução, e este é seguido. As notas são maneiras de manter a *fidelidade* daquilo que aparece no original, guardadas as proporções do projeto.

Podemos observar, tendo em vista a questão do projeto, que a leitura do que é o original para Lia Wyler é diferente daquela do *Grupo Pacto*, uma vez que cada leitura privilegia um público-alvo diferente. A tradução oficial pauta suas escolhas no conceito de que o leitor da série é o público infanto-juvenil, e assim tem como projeto a manutenção de uma tradução que *apaga* o tradutor, ou seja, que não escolhe marcar as escolhas com notas, por exemplo. Já a tradução do *Grupo* é voltada para um outro público, que não tem restrição de idade, uma vez que aquilo que os *fãs* discutem sobre o livro abrange as mais variadas questões filosóficas, da mitologia (vide nota sobre a palavra *Horcruxes*, já citada), entre outras. Para o *Grupo*, essas alusões são importantes e suportam uma concepção de tradução que mantém essas referências. Sendo assim, podemos perceber que as concepções de original e, principalmente de leitura do original nesse caso, são diferentes entre tradução oficial e não-oficial, fazendo com que a escolha dos projetos seja diferente.

A questão da autoria para a tradução do *Grupo* é importante e fundamental, fazendo com que seu discurso seja pautado pela autoridade de JKR, i.e., o original é o texto a ser seguido, com todas as verdades contidas em si. Na prática essa noção é relativizada, pois de outra forma não teríamos a necessidade da tradução oficial e uma outra que critica escolhas da tradução oficial: “Continuo achando ridículo traduzir nomes sem necessidade, e um dos motivos de eu querer traduzir é corrigir erros.” (informante 29, mensagem 49).

Tendo em vista que toda tradução sofre perdas e ganhos no seu processo, a noção de fidelidade como única norteadora do processo tradutório, mesmo que apareça no discurso, não é seguida à risca na prática, uma vez que a tradução é norteadora também por uma relação entre fidelidade e o projeto a ser seguido.

Apesar de contar com a concepção de fidelidade como norma do discurso, a tradução do *Grupo Pacto* não parece ter essa rigidez na prática, pois muitas vezes as escolhas se adaptam aos problemas de tradução, na tentativa de resolvê-los da melhor forma possível, como pudemos ver na nossa análise do *corpus*. O *Grupo*, apesar de muitas vezes afirmar categoricamente a idéia de fidelidade ao original sem relativizar a questão da fidelidade ou a de texto original, percebe também que as escolhas tradutórias são guiadas por outras questões relacionadas à cultura, à língua ou mesmo através de *invenções* de termos, estas são liberdades criativas de JKR.

### 3.2 FIDELIDADE À CULTURA DE PARTIDA E AO UNIVERSO POTTERIANO

A cultura de partida é mantida no universo da tradução do *Grupo Pacto*, assim como é mantida na tradução oficial. Os integrantes não usam outro tipo de espaço físico que não aquele da obra original, ou seja, a Inglaterra. O universo potteriano do castelo, da escola como internato, não é comum na cultura brasileira, por isso causa certo estranhamento. Tanto a tradução do *Grupo* quanto a tradução oficial lidam com esse pressuposto, e nesse sentido mantêm a cultura de partida.

Nesse sentido a fidelidade aqui tem relação com esse estranhamento, com a manutenção da cultura de partida mesmo que isso não seja comum na cultura de chegada. Por mais que a cultura de *Harry Potter* e a cultura inglesa, de certa forma, estejam já inseridas na nossa cultura, o estranhamento se observa, pois de outra

forma a discussão sobre mistletoe/visco não ocorreria. A discussão entre inserir ou não nota de tradução na marca cultural *visco* mostra que o *Grupo*, apesar de manter o estranhamento, não percebe no seu discurso que esse estranhamento é, de fato, estranho. Porém na prática, com a escolha da inserção da nota de tradução, vemos que mesmo intrinsecamente, o estranhamento existe, ou seja, o discurso da prática não coincide com a prática do discurso e, por mais que o pressuposto do integrante 13 afirme que o estranhamento não existe, a prática prova o contrário.

As criações de JKR também são marcadas não só pela língua inglesa (com os trocadilhos, os registros diferentes, etc.), como também por palavras latinizantes (feitiços, maldições, entre outros) e de origem grega (Horcruxes) e ainda novas palavras (jogos, alguns nomes, etc.). A tradução do *Grupo* leva essas questões em consideração e as discute através de sua concepção de tradução e tenta, na medida do possível, ser *fiel*, na visão do *Grupo*, ao proposto.

Acreditamos que uma definição daquilo que o *Grupo* entende por cultura seja difícil de depreender, uma vez que tradução e a cultura, para eles, estão intrinsecamente ligadas<sup>36</sup>.

### 3.3 FIDELIDADE A UM COMPROMISSO DE QUALIDADE

A qualidade é algo muito prezado e comemorado pelos integrantes do *Grupo Pacto*, desde o seu prefácio até a distribuição da tradução. Para eles, a tradução é de qualidade porque respeita as premissas de fidelidade ao original, com explicações sem perdas informativas ao leitor (as notas são a garantia de que isso não ocorre, pois explicam termos que são problemas de tradução, de modo geral), e a manutenção de todas as características do texto original, como a cultura potteriana, sua história (enredo), tom (humor, ritmo presente na obra), entre outros.

Apesar de o discurso pregar essa idéia de fidelidade utópica, i.e., não passível de *erros*, a prática nos mostra que isso não é real, e mesmo que o discurso sobre a prática assim o afirme, a prática do discurso não se dá nesses termos, mas sim a partir de uma relativização dessas *regras* de conduta, uma vez que os

---

<sup>36</sup> A questão cultural está, ainda, em aberto, a ser explorada numa continuidade deste projeto.

tradutores têm, por exemplo, soluções diferentes para a frase “Dumbledore’s man through and through”.

A noção de fidelidade aparece no discurso como argumento que prevalece sobre os outros (veja a expressão *fiel e bem cuidada* do prefácio) e é indicativa de qualidade, sem ser relativizada formalmente, mas não tem exatamente esse estatuto na prática, onde as questões, principalmente a questão da fidelidade nos termos do *Grupo*, são de alguma forma relativizadas. Na prática do *Grupo*, a noção de fidelidade se torna menos importante, e as escolhas que seriam *fiéis* como a não-tradução de nomes de personagens, são utilizadas em nome do projeto da tradução: levar uma tradução para quem não lê em inglês e já conta com o conhecimento da obra através da tradução oficial.

Sendo assim, a *qualidade* da tradução não pode ser proposta em termos qualitativos, mas sim relacionada à concepção de tradução. Sua concepção no discurso da prática é aquela da fidelidade e da manutenção do original, pois o estatuto da fidelidade aqui é uma constatação da afirmação da qualidade, uma vez que o *fiel* é o correto na tradução, segundo o senso comum. Como o *Grupo* não discute esses pressupostos, a sua prática é, para os próprios integrantes, satisfatória para o proposto, ou seja, a tradução para aqueles que não lêem em inglês, através da visão do fã: “Se vc vai traduzir um capítulo q adora, certamente a tradução ficará ótima!” (informante 24, mensagem 1257)

“O fã é o melhor tradutor e o melhor leitor” para o *Grupo*, e como os integrantes do *Grupo* se consideram fãs, sua tradução condiz com seu parâmetro de qualidade.



## Nox

No primeiro capítulo, pontuamos algumas noções teóricas de conceitos utilizados durante o processo de análise do *corpus*, tendo em vista as discussões dos capítulos seguintes. No capítulo 2 apresentamos e apontamos os tópicos abordados durante o processo de tradução do *Grupo Pacto* e discutimos a *concepção de tradução* do *Grupo* frente a seu projeto, explorando nesse capítulo algumas relações entre o *discurso da prática* e a *prática do discurso*, tendo em vista a questão da *fidelidade*. Através das discussões e apontamentos observados no segundo capítulo, discutimos, no capítulo 3, a questão de maior relevância para o *Grupo*: a *fidelidade*. Através da discussão da fidelidade e da análise prévia do *corpus*, pontuamos questões relativas ao *discurso da prática* e à *prática do discurso*. Não utilizamos para isso nenhum aparato teórico, pois nos propusemos a analisar o *corpus* através de suas próprias reflexões.

Tendo em vista a extensão do *corpus* e a variedade de discussões que lá se encontram, sabemos que esta monografia não trabalhou à exaustão todas as nuances contidas nesse grupo de mensagens, e não tinha como objetivo concluir toda a análise desse *corpus*, porém acreditamos ter tratado de questões importantes para a discussão aqui proposta.

A tradução do *Grupo Pacto*, apesar de não estar diretamente relacionada à uma teoria e conter pressupostos muitas vezes ligados ao senso comum, é desenvolvida e concluída da maneira pretendida pelos integrantes, ou seja, é coerente com a visão de tradução do *Grupo*. A idéia de fidelidade no discurso, apesar de ser restrita ao que os participantes entendem por texto original, foi muitas vezes relativizada para que o projeto pudesse ser concluído. O discurso da prática, nesse sentido, foi diferente daquilo utilizado na prática do discurso, pois o texto final da tradução e as escolhas tradutórias, por mais que *pregassem* a fidelidade ao original, tendo nesse caso concepções muito marcadas tanto de um quanto do outro (e conseqüentemente, de texto, língua, cultura, etc.), não são, na prática, noções definidas exatamente como no discurso.

As escolhas do *Grupo* relativizam essa noção como algo estanque, i.e., a fidelidade não é somente ligada ao original e não se dá apenas através da tradução literal, mas é também ligada à cultura, aos trocadilhos, piadas, etc. Para o *Grupo*,

ser fiel é manter da melhor forma possível as características daquilo que é sua concepção de original da língua de partida, respeitando o seu projeto e, conseqüentemente, o seu leitor.

Observamos que através do discurso da prática, aquilo que é utilizado na prática do discurso faz com que o projeto de tradução do *Grupo* não se volte apenas para aqueles que não lêem em português, mas também tenha validade como um pequeno estudo sobre a obra, no sentido de uma tradução mais explicativa do livro de JKR, tentando, através das notas e de outros focos produtivos, trazer ao leitor o texto como eles percebem ser o mais próximo do original.

Assim podemos propor que, enquanto o discurso do *Grupo* é baseado no senso comum, sua prática nem sempre parece ser. Seu discurso da prática pode ser observado como tradicional, uma vez que conta com concepções de texto, tradução e língua como conceitos fechados, estanques e ligados a um entendimento do discurso da prática como *transliteração*. Já a prática do *Grupo* parece ser pautada muito mais por uma noção de tradução baseada em uma ética<sup>37</sup> de tradução, ou seja, em uma concepção de tradução mais modernizante do que aquela da tradução oficial (que mantém o tradutor invisível no texto, uma vez que adapta suas escolhas à cultura de chegada).<sup>38</sup>

Para concluir este primeiro movimento da análise do *corpus*, citamos aqui dois comentários sobre a tradução pelos próprios integrantes do *Grupo Pacto*, que sintetizam, para eles, qual a relevância de sua tradução.

O que eu acho mais engraçado é que eu conheço muitas pessoas que leram ambas as traduções, a nossa e a da Léia Vader. Sim, já ouvi pessoas que não gostaram da nossa ou que não gostaram de nenhuma das duas. Porém, a maioria preferiu a nossa tradução. O que me faz pensar: como vários amadores em tradução (desculpem-me, mas a maioria aqui é, eu inclusive), sem curso superior em Letras ou sequer uma especialização, podem fazer um trabalho melhor que uma especialista (...)O que nos leva também a refletir: o que fizemos de diferente – para melhor ou pior – que fez toda a diferença? (informante 12, mensagem 1876).

---

<sup>37</sup> O termo “ética” utilizado neste caso é baseado nas reflexões da teoria da tradução de Antoine Berman, que identifica uma ética da tradução naquela que defende a pura visada da tradução, na qual o tradutor não deve apropriar-se do outro em nenhuma medida. Cf. (Berman, 2002, p. 16-17). Obviamente não estamos pressupondo que os integrantes do grupo tenham conhecimento disso.

<sup>38</sup> Essa discussão não será abordada de forma mais aprofundada neste trabalho, uma vez que seria necessário um maior espaço e tempo para esse aprofundamento teórico e cotejamento mais pontual entre as duas traduções, que não é o nosso foco aqui.

[...]nós temos conhecimento de HP, amamos fazer o nosso trabalho e tivemos cuidado com nossa tradução. Isso faz toda a diferença (informante 7, mensagem 1877)

A tradução, por ser uma prática tão marcada pela falta de certezas, faz com que o tradutor tenha, muitas vezes, a necessidade de uma *ilusão* daquilo que para si é palpável, como por exemplo, a própria *noção de texto*. Ainda que muitas vezes sua prática não demonstre que o tradutor acredita nas suas *certezas*, esse ponto de apoio é necessário na maioria dos casos para que o trabalho do tradutor seja aceito, inclusive por si próprio. É também nesse sentido que entendemos que a crítica não deva se prender a parâmetros absolutos, devendo levar em conta a complexidade do processo tradutório e as diferentes relações entre o discurso da prática e a prática do discurso, como pudemos observar minimamente neste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BENEDETTI**, I. C.; **SOBRAL**, A. U. “Lia Wyler”. In: *Conversas com Tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2003, p. 193-200.

**BERMAN**, A. “A tradução em manifesto”. In: *A Prova do Estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Holderlin*. Tradução: Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC. 2002, p. 11-25.

**CONDE**, A. *A tradução do imaginário: O complexo língua-cultura em Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Assis, 2005. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura e Vida Social). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

**ROWLING**, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Tradução: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

**ROWLING**, J. K. *Harry Potter e Câmara Secreta*. Tradução: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

**ROWLING**, J. K. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Tradução: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

**ROWLING**, J. K. *Harry Potter e a Cálice de Fogo*. Tradução: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

**ROWLING**, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Tradução: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

**ROWLING**, J. K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Tradução: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

**ROWLING**, J. K. *Harry Potter e o Príncipe Mestiço*. Tradução: Grupo Pacto, 2005.

**ROWLING**, J. K. *Harry Potter and the Half-Blood Prince*. Bloomsbury, 2005.

**WYLER**, L. *Harry Potter for children, teenagers and adults*. Revista Meta. v. 48, n. 1, p. 1-14, maio 2003.

**WYLER**, L. *Línguas, Poetas e Bacharéis: Uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2003.

### REFERÊNCIAS A WEBSITES RELEVANTES

Comunidade no site de relacionamentos Orkut – **Harry Potter Senior** – em <<http://www.orkut.com.br/CommTopics.aspx?cmm=70125&q=tradu%C3%A7%C3%A3o&pno=1>> acesso em 01 jul. 2008.

Comunidade no site de relacionamentos Orkut – **Eu odeio tradução da Lia Wyler** – em <<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=3351806>> acesso em 01 jul. 2008.

Grupo de discussão do Yahoo! Groups – **Ordem da Fênix** – em <<http://br.groups.yahoo.com/group/ordem-da-fenix/?v=1&t=search&ch=web&pub=groups&sec=group&slk=1>> acesso em 01 jul. 2008.

Grupo de discussão do Yahoo! Groups – **Travessa do Tranco** – em <<http://br.groups.yahoo.com/group/travessadotranco/?v=1&t=search&ch=web&pub=groups&sec=group&slk=1>> acesso em 01 jul. 2008.

Site sobre informações e discussões acerca de Harry Potter – **Potterish** – em <<http://potterish.com/index.php?idioma=br>> acesso em 01 jul. 2008

Site sobre informações e discussões acerca de Harry Potter – **Portal Zonko's** – em  
<<http://www.zonkos.com.br/harrypotter/index.php>> acesso em 01 jul. 2008

## ANEXOS

O Anexo está disponível em versão digital através do CD que consta neste trabalho. Sua formatação segue o critério de numeração já usada durante o trabalho, i.e., os e-mails estão numerados conforme aparecem nas citações e conforme foram dispostos no próprio site do *Grupo*. A versão final da tradução do *Grupo* também se encontra anexa no CD, uma vez que a tradução do *Grupo Pacto* só é adquirida por troca de e-mails entre fãs, e não está disponível para download.